

MARIA DE LOURDES DE MORAES PEZZUOL

**CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)
NO ENSINO PÚBLICO REGULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – UM ESTUDO
DE CASO**

**ANO
2016**

MARIA DE LOURDES DE MORAES PEZZUOL

**CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)
NO ENSINO PÚBLICO REGULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – UM ESTUDO
DE CASO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA), Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (FALC) sob a orientação da Prof^a Edilvania Vanessa Pereira.

**ANO
2016**

PEZZUOL, Maria de Lourdes de Moraes

CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO PÚBLICO REGULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – UM ESTUDO DE CASO. Maria de Lourdes de Moraes Pezzuol, Prof^a Edilvania Vanessa Pereira. Mogi das Cruzes, São Paulo, 2016. 44 páginas.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Palavras chaves:

- Transtorno do Espectro do Autista (TEA) ;
- Educação Física Escolar;
- Educação Inclusiva.

**CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO PÚBLICO REGULAR DO
ESTADO DE SÃO PAULO – UM ESTUDO DE CASO**

MARIA DE LOURDES DE MORAES PEZZUOL

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR(A)

PROFESSOR(A)

PROFESSOR(A)

AGRADECIMENTO

A professora Maria Inez de Mello Araújo, pelo apoio e contribuição com seus ensinamentos que foram valiosos para a construção deste trabalho de pesquisa.

“O conhecimento é poder. Utilize parte do seu tempo para educar alguém sobre o autismo. Não necessitamos de defensores. Necessitamos de educadores.” (Asperger Women Association)

SUMÁRIO

Resumo.....	08
Introdução.....	09
Capitulo 1 - Os primeiros relatos sobre autismo - Leo Kanner.....	15
Capítulo 2 - Compreender o autismo.....	18
2.1 Síndrome de Asperger.....	21
Capitulo 3 - Quebrando o preconceito: inclusão escolar	23
Capitulo 4 - Método e resultados: contribuições da educação física escolar.....	29
4.1 – Relatos e fatos, a cultura do lado de dentro, história de vida.....	29
4.1.1 – Relato da mãe do aluno E – Esperança	30
4.1.2 – Aspectos do comportamento: Aluno – E - Esperança, identificados no desenvolvimento das aulas de Educação Física.....	32
4.1.3 – Desempenho escolar geral.....	32
4.2 – Relato da mãe do aluno T – Tolerância.....	33
4.2.1 – Aspectos do comportamento: Aluno – T – Tolerância, identificados no desenvolvimento das aulas de Educação Física.....	35
4.2.2 – Desempenho escolar geral.....	36
4.3 – Situação de aprendizagem 1 – Eixo Esportes (Atletismo)	36
4.3.1 - Situação de aprendizagem 2 – Eixo Esportes Coletivos.....	38
Considerações finais.....	41
Referências.....	43

CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO PÚBLICO REGULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – UM ESTUDO DE CASO

RESUMO

Esta pesquisa é um relato de experiência que tem por objetivo apresentar a participação e integração de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), no desenvolvimento das aulas de educação física escolar no ensino público regular. Iniciativa que possibilitou adaptar os conteúdos pedagógicos da Proposta Curricular permeada em uma educação inclusiva para todos. Para isso, buscou-se conhecer a rotina de aula de dois alunos com o referido transtorno na instituição educacional e, reconhecendo as dificuldades da escola em adaptar a Proposta Curricular, discutir e refletir sobre as possibilidades de ampliar esta experiência pedagógica para outras disciplinas. O presente trabalho é fundamentado por uma pesquisa que teve como metodologia o estudo de caso com observação na aplicação das aulas, com auxílio da técnica de história de vida, devido à cooperação e participação efetiva existente entre os sujeitos e as famílias dos pesquisados e o próprio pesquisador. A coleta de dados processou-se entre os anos de 2015 e 2016 e foi realizada em uma escola pública estadual de São Paulo. Nosso estudo foi fundamentado com base na educabilidade dos sujeitos com autismo, com propósito de promover debates e ampliar investigações educacionais fundamentada nos autores: Baptista (2007), Mello (2004), Almeida (2008/2010), Oliveira (2016), Rocha (2016) que discutem e abordam a necessidade de um trabalho integrado de equipe de profissionais em conjunto para acompanhar e estimular a criança/jovem autista no processo de desenvolvimento de aprendizagem, contribuindo para a sua integração plena na sociedade. Observou-se e concluiu-se que o conteúdo da Proposta Curricular de Educação Física baseada nos cadernos da disciplina de educação física do aluno e do professor podem ser adaptados e desenvolvidos com alunos do TEA. Propostas que podem auxiliar na coordenação motora, na cognição (raciocínio, atenção, memória etc.) ações que podemos identificar como dificuldades que são bastantes presentes em pessoas com esses transtornos. Atividades físicas que podem auxiliar juntamente com as terapias e ultrapassar melhoras dos sintomas, no contribuir para o gasto de calorias, agitação, sono, controla a ansiedade, humor e favorece a integração. Dessa forma podemos identificar que o planejamento de aulas de educação física adaptadas ao currículo e ao perfil do TEA dentro das escolas públicas regulares respeitando os diferentes graus e intensidades de comprometimento e comportamento dos alunos, podem promover a integração a socialização, seja por meio da prática de esportes ou nas simples brincadeiras.

Palavras Chaves: (TEA) Transtorno do Espectro do Autismo; Educação Física Escolar; Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Pesquisas mostram que aproximadamente há 30 anos em nosso país, a educação especial era tratada apenas com o modelo clínico, as leis não favoreciam a inclusão efetiva destes alunos nas instituições escolares. Mas hoje, com a proposta da democratização do ensino, do aumento significativo de políticas direcionadas a educação inclusiva no identificar que a prática pedagógica é um elemento chave na transformação da escola, estendendo essa possibilidade de transformação a sociedade (APAE, 2015).

Estudos indicam que atualmente o autismo tem recebido força devido à existência de grandes movimentos de pessoas e entidades que buscam pela inclusão e aceitação por parte da sociedade.

Além disso, entidades voltadas à causa da melhor qualidade de vida de pessoas com autismo têm importante papel de coletar informações sobre o transtorno, mostrar para o poder público, profissionais e outras famílias que não convivem com o TEA e tentar conscientizá-los a respeito do assunto para uma maior desconstrução em relação ao preconceito em volta dessa e outras deficiências. (Rocha, 2016).

Diante da oportunidade de realizar um trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA - 2015/2016), pela Faculdade Aldeia de Carapicuíba (FALC), optei pela escolha do tema: "Contribuições da Educação Física Escolar na inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Público Regular do Estado de São Paulo - Estudo de Caso", que será desenvolvido por meio de um relato de experiência pedagógica no contexto escolar.

No ano de 2008 foi colocado em prática uma nova Proposta Curricular com a finalidade de organizar o Sistema Público Educacional de São Paulo. Diante deste novo desafio, a disciplina de Educação Física, também sofreu alterações (SÃO PAULO, 2009).

A partir de então a disciplina de Educação Física foi direcionada para trabalhar com grandes eixos de conteúdos relacionados às construções corporais no desenvolvimento dos jogos, dos esportes, das ginásticas, das lutas e da dança em suas variações e com as atividades rítmicas.

Atividades que possam incentivar e gerar muitos benefícios aos alunos nas ações baseadas nos valores, fraternidade, amizade e respeito, no desenvolvimento de uma cultura crítica, criativa e solidária, onde o educador precisa reconhecer a essência da felicidade no prazer de educar, gerando uma aprendizagem significativa baseada no ensino por competências (Silva, 2015).

Proposta pedagógica de aula que devem ser desenvolvidas de forma integrada com outras disciplinas no oferecer oportunidades de inovações para auxiliar a quebrar certos paradigmas sobre a esportivização da educação física escolar, perfil este que nos últimos anos vem rotulando esta prática, no limitar-se apenas na atividade física como um fim. É necessário que o professor de educação física dê outros sentidos a sua docência. Trabalhe os conhecimentos como expressões culturais, como produtos humanos, produzidos em relações e interações, em trocas com humanos, com semelhantes e com diversos. (Arroyo, 2000). Podendo oferecer diversas visões e dimensões na adesão a prática da atividade física de forma contextualizada no criar e recriar uma multiplicidade alternativa de ações dentro do espaço das atividades escolares.

Conteúdos curriculares que não exigem do professor uma habilidade técnica, mas constantes formações, atividades pedagógicas que devem ser abordadas dentro da escola e ter como objetivos o ampliar, valorizar e respeitar o “Se movimentar dos alunos”, no reconhecimento do repertório de aprendizagem que os mesmos apresentam e trazem para a escola. Fundamentar-se também, no resgate dos significados, dos sentidos da “Cultura de Movimento” relacionada aos gostos, aos modismos referentes às práticas esportivas dos dias atuais, adaptando e inserindo seus conteúdos para uma educação inclusiva para todos, principalmente para os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordagem que a presente pesquisa se propôs investigar no lançar novos olhares de como podemos estruturar e aperfeiçoar situações de aprendizagem da disciplina de educação física dentro das escolas regulares para estes alunos.

O interesse em relatar a participação de alunos com TEA nas aulas de educação física no ensino regular foi à maneira efetiva de como esses alunos responderam aos estímulos propostos nas participações das aulas adaptadas desenvolvidas,

segundo os conteúdos da Proposta Curricular da Disciplina de Educação Física para o ensino fundamental II.

O presente estudo foi desenvolvido na EE. Vereador Narciso Yague Guimarães, unidade escolar que pertence a Diretoria de Ensino Região de Mogi das Cruzes Estado de São Paulo. A escola “Narciso” está localizada entre os bairros periféricos da Vila Natal e o Nova União, que contrastam com condomínios de luxo e o bairro nobre da Vila Oliveira. A escola atende aproximadamente 1100 alunos. Os alunos envolvidos nesta pesquisa, onde denominamos o aluno E - Esperança (frequenta o 7º ano B) e o aluno T–Tolerância (frequenta o 8º ano B) escolhidos para o desenvolvimento do percurso de aprendizagem, ambos do Ensino Fundamental – Ciclo II, do período da tarde do ano letivo de 2016.

O aluno E, têm 12 anos, segundo informações que consta no laudo médico, apresentado por sua mãe, expedido pelo médico neurologista apresenta: *“Paciente com quadro de alterações do desenvolvimento, com espectro autista, síndrome de asperger, necessita de atenção especial com recursos que se tornarem necessários, “F84.1, F70”, datado de 31/05/2016. A mãe relata que o aluno já passou por outros profissionais da área da saúde, e os mesmos informaram que “E”, possui grau leve de TEA.*

Na escola, no desempenho das aulas de educação física, é um aluno alegre, falante, amoroso, participativo, está sempre disposto a ajudar. Possui pequenas limitações físicas para se movimentar com comprometimento de suas pernas, mas realiza todas as ações locomotoras propostas no desenvolvimento das aulas, adaptando-as. O aluno T, tem 13 anos, seu comprometimento TEA é mais moderado, fala e se expressa muito pouco, mas com determinação, às vezes apresenta ecolalia e tem fixação por objetos, cores e figuras. O documento médico que apresenta seu laudo informa um resumo clínico, expedido por um médico pediatra, que constam as seguintes informações: *“Queixa e duração: Transtorno de comportamento desde pequeno, dificuldades para falar e aprender. Exame físico: Não interagi com outras crianças, utiliza mímica, começando apresentar tiques e fixação por alguma ideia. Hipótese diagnóstica: Tem avó paterno, pai e tio paterno com diagnóstico de esquizofrenia. Cid. 10 F.98.9, datado de: 12/08/2013”.*

Nas aulas de educação física, apresentou um desenvolvimento expressivo, pois quando a professora recebeu o mesmo na escola, por volta de 2014, o mesmo se isolava dos demais alunos, e mesmo da professora, não queria conversa, não interagia, adorava subir no alambrado da quadra, ou ficar suspenso em uma árvore, próxima da quadra. Observando esta situação a professora resolveu buscar auxílio para tentar entender quem era o aluno T, Tolerância, conversou com a mãe, criou uma proximidade com a mesma e desde então começou a realizar um trabalho individual com o mesmo, apresentado os materiais esportivos, depois interagindo e integrando aos demais alunos, mas respeitando sempre o ritmo e a vontade do aluno T.

O perfil das salas de aulas que estes alunos frequentam: do aluno E - Esperança: é formada por 35 alunos é uma sala muito falante, com alunos que apresentam grandes dificuldades de aprendizagem, porém nas aulas de educação física são muito participativos e demonstram integração e amizade com o mesmo. A sala do aluno T - Tolerância é uma sala com grande número de alunos, também muito falantes e críticos e apresentam a maioria bom rendimento escolar. Em relação ao acolhimento do aluno T em sala de aula, é muito receptivo e integrado, os alunos procuram cuidar e defender o mesmo.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo apresentar atividades pedagógicas curriculares desenvolvidas nas aulas de educação física dentro de uma escola pública regular do Estado de São Paulo que favoreçam o processo de aprendizagem e inclusão de alunos com TEA. Proposta baseada em um olhar mais enfático que buscou entender que no autismo não existe uma prescrição ou uma intervenção com modelo determinado, mas o importante é construir com a criança autista e sua família um modelo adaptado de intervenção pedagógica de acordo com suas características e limitações. Ações pedagógicas pautadas na realização pelo prazer pela afetividade por estímulos no aprendizado para que o aluno tenha vontade de participar e sentir-se acolhido.

A metodologia utilizada será apresentada por meio de relatos, utilizando a história de vida temática integrando ao estudo de caso com propósitos descritivos de realizar uma investigação no desenvolvimento das aulas de educação física em uma

escola pública regular, fundamentada pelos conteúdos da proposta curricular com a participação efetiva de alunos com TEA.

A escolha do tema está relacionada diretamente à paixão da pesquisadora enquanto professora de educação física que está no magistério público há 26 anos, que conheceu e recebeu alunos com TEA na escola pública regular (desconhecido, incompreendido, fascinante e desafiador).

Pesquisa que possibilita discutir e refletir dentro da escola sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais, principalmente os TEA, pois já é identificado que apresentam um número significativo, alguns com laudos médicos e outros não, exigindo um repensar da escola em suas atribuições e planejamentos respaldando-se e fazendo valer as legislações vigentes para receber esses alunos e buscar alternativas em orientações, formações para promover o atendimento pedagógico digno sobre este distúrbio, que não deve ser ignorado e sim destacado para poder auxiliar uma melhor qualidade de vida para o aluno autista e seus familiares.

Assim, a estrutura deste trabalho de pesquisa será norteadada em quatro capítulos. No capítulo primeiro: **Os primeiros relatos sobre autismo - Leo kanner**, considerado o pai do autismo, uma abordagem de Claudio Roberto Batista e Cleonice Bossa (2002), (Rocha, 2016).

No capítulo segundo, **Compreender o autismo**, investigações que podem auxiliar a entender melhor este distúrbio. Distúrbio neurobiológico que atualmente é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA), questão que será abordada por alguns autores, tais como: Marques (2000); Mello (2004); Oliveira (2009); Teixeira (2014); Negretti (2016) que apresentam abordagens e análises sobre os critérios relacionados ao autismo e a Síndrome de Asperger.

O capítulo terceiro, intitulado, **Quebrando o preconceito: Inclusão escolar** apresenta uma abordagem reflexiva sobre a importância da inclusão escolar para alunos autistas e as legislações pertinentes existentes.

O quarto capítulo, **Método e resultados: contribuições da educação física escolar**, está dividido em três sessões: a primeira seção, o Método: relata abordagem e os critérios que foram utilizados para realizar as intervenções

pedagógicas. Segunda sessão apresenta as histórias de vidas que possibilitaram dar sentido e significados as características trazidas pelas mães dos entrevistados, acerca de como é ser e viver o autismo. Segundo Gil (2009), a história de vida é uma das técnicas mais adequadas para a apreensão do processo de mudança, graças à reconstrução histórica das situações vivenciadas pelos indivíduos. E por último, apresentam de forma descritiva as situações de aprendizagens, por meio de relatos e fotos.

As **considerações finais** retomarão os aspectos do tema, o problema, as hipóteses e objetivos da pesquisa, discutindo as perspectivas alcançadas e sugerindo ações para a superação das contradições identificadas.

Capítulo 1- Os primeiros relatos sobre autismo - Leo Kanner

A literatura relata que o termo autismo foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1908, para identificar sintomas de pacientes esquizofrênicos que apresentavam reclusão social (Rocha, 2016).

As primeiras publicações sobre autismo foram feitas por Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944), os quais, independentemente (o primeiro em Baltimore e o segundo em Viena), forneceram relatos sistemáticos dos casos que acompanhavam e das suas respectivas suposições teóricas para essa síndrome até então desconhecida.

Kanner (1943) constatou, nas crianças que atendia, uma inabilidade no relacionamento interpessoal que as distinguia de outras patologias como a esquizofrenia: “o distúrbio fundamental mais surpreendente é a incapacidade dessas crianças de estabelecer relações de maneira normal com as pessoas e situações desde o princípio de suas vidas”.

Para Kanner, tal comprometimento fazia-se evidenciar pela dificuldade em adotar uma atitude antecipatória que assinalasse ao adulto a vontade de ser pego no colo (ex.: inclinar o rosto, estender os braços e após, acomodar-se ao colo); um “fechamento autístico extremo”, que levava a criança a negligenciar, ignorar ou recusar tudo o que vinha do exterior. Outra característica observada foi o atraso na aquisição da fala (embora não em todas) e do uso não comunicativo da mesma, isto é, a linguagem não era utilizada enquanto instrumento para receber e transmitir mensagens aos outros, dotadas de sentido, sendo que três das crianças permaneciam “mudas” até aquela data. Por vezes, as palavras eram repetidas imediatamente, após ouvidas (ecolalia imediata), outras, posteriormente (ecolalia diferida); pronomes pessoais repetidos exatamente como eram ouvidos, portanto falando de si mesmos na terceira pessoa (pronome reverso).

A entonação também nem sempre combinava com o contexto lingüístico (ex.: uma resposta dada com entonação interrogativa). Não foram observadas dificuldades quanto ao uso de plural e conjugação, ou memória. Essa última era tida como excelente, principalmente a capacidade para recordar acontecimentos

ocorridos há vários anos, decorar poemas e nomes, seqüências e esquemas complexos.

Para Kanner (1943), tais habilidades “testemunham uma boa inteligência no sentido comumente aceito desse termo” e acreditava no bom potencial cognitivo dessas crianças, as quais mostravam fisionomias notadamente inteligentes. Ainda em Kanner, a insistência obsessiva na manutenção da rotina, levando a uma limitação na variedade de atividades espontâneas, era uma das características-chave no autismo. A isso somava-se a inabilidade no relacionamento interpessoal: “há neles uma necessidade poderosa de não serem perturbadas.

“Tudo o que é trazido para a criança do exterior, tudo o que altera o meio externo ou interno representa uma intrusão assustadora”. Os medos e as fortes reações a ruídos e objetos em movimento, objetos quebrados ou incompletos, as repetições nas atividades, chegando a rituais altamente elaborados, o brinquedo estereotipado e privado de criatividade e espontaneidade, a introdução de novos alimentos, provêm desse medo de mudança. Se algo é mudado a situação, mesmo em um mínimo detalhe, a situação deixa de ser idêntica, não podendo então ser aceita.

Por outro lado, Kanner assinalava que tudo que não era alterado quanto à aparência e posição, ou seja, aquilo que conservava a sua identidade e não ameaçava o isolamento da criança, não somente era bem tolerado por ela como passava a ser objeto de interesse com o qual poderia passar horas brincando, pois, segundo o especialista, conferia a criança uma sensação gratificante de onipotência e controle. Finalmente, uma questão que levantou intensa polêmica nos anos subseqüentes foi a observação de Kanner (1943) acerca das famílias das crianças que observara. Destacou que entre os denominadores comuns a elas estavam os altos níveis de inteligência e sociocultural dos pais, além de certa frieza nas relações, não somente entre os casais, mas também entre pais e filhos.

Entretanto, nesse mesmo artigo, Kanner já questionava a natureza causal entre os aspectos familiares e a patologia da criança: “A questão que se coloca é saber se, ou até que ponto, esse fato contribui para o estado da criança. O fechamento autístico extremo dessas crianças, desde o princípio de suas vidas,

torna difícil atribuir todo este quadro exclusivamente ao tipo de relações parentais precoces de nossos pacientes".

Concluiu o seu trabalho, postulando que o autismo origina-se de uma incapacidade inata de estabelecer o contato afetivo habitual e biologicamente previsto com as pessoas. Trecho extraído do livro *Autismo e Educação* de Claudio Roberto Batista e Cleonice Bossa (2002).

Além de Kanner, no mesmo período, seu conterrâneo, o psiquiatra Hans Asperger também relatou uma forma semelhante do distúrbio que, posteriormente, ficou conhecida por Síndrome de Asperger (Rocha, 2016).

Nesse sentido, podemos identificar que desde a década de 1940, quando foi catalogado pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner, houve algumas mudanças na classificação do transtorno, justamente por tratar-se de um espectro, ou seja possui vários níveis de funcionamento . Por isso o autismo é constantemente objeto de estudo pelos especialistas, já que sua origem ainda é um verdadeiro mistério (Negretti, 2016). A seguir abordaremos o autismo nos dias atuais.

Capítulo 2- Compreender o autismo

Atualmente podemos identificar uma multiplicidade de estudos relacionada às diversas áreas do conhecimento, como na neurologia, fisiologia, psiquiatria, psicologia e genética.

Estas investigações podem auxiliar a entender melhor este distúrbio. Distúrbio neurobiológico que atualmente é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Segundo Oliveira (2009), o autismo, de grande variabilidade fenotípica e por isso considerada um espectro clínico, caracteriza-se então por dificuldades na interação social, por limitação na comunicação verbal e não verbal e ainda pela presença de comportamento rígido com interesses repetitivos e limitados. É uma patologia crônica e na maioria dos casos com graves implicações de integração social na vida adulta.

Para Teixeira (2014), o autismo é um transtorno do espectro autista caracterizado por prejuízos na interação social, atraso na aquisição da linguagem e comportamentos estereotipados e repetitivos. Em seus estudos, destaca a abordagem defendida pela Dr^a Lorna Wing que estabeleceu a análise de três déficits principais (conhecido por Tríade de Wing) existentes entre os portadores de transtornos do espectro autista, localizados nas áreas de imaginação, socialização e comunicação. Segundo pesquisas estes desvios de comportamentos que geralmente levam ao diagnóstico do TEA (HONORA; FRIZANCO, 2011) e (MELLO, 2004) estão classificados nos três eixos, conhecidos como a “Tríade de Deficiências”. Pautada nos critérios de diagnóstico relativos ao espectro das perturbações ligadas ao autismo: dificuldades no relacionamento social, dificuldades na comunicação e falta de flexibilidade de pensamento e comportamento. É esta tríade que define o que é comum a todas as perturbações ligadas ao autismo. Apesar de muitos outros investigadores terem desenvolvido estudos nesta área, foram estes autores (Kanner e Wing) os que mais visibilidade ganharam no seio da comunidade científica internacional. Hoje reconhece-se o autismo, não como uma doença, mas sim como uma perturbação do desenvolvimento, que afeta o modo como a criança compreende o mundo que a rodeia e aprende com as suas experiências (Marques, 2000).

Segundo Teixeira (2014) as dificuldades na área de imaginação estão relacionadas com o conceito da Teoria da Mente, o autor explica que é uma capacidade que todos nós temos de nos colocarmos na posição do outro, isto é, de entendermos que a outra pessoa é capaz de pensar diferentemente de você, de ter crenças, desejos e pensamentos distintos. Já uma criança com autismo está fechada dentro de seu mundo particular e não consegue interagir com outras pessoas ou outros objetos.

A grande maioria dos pacientes autistas não fala, e aproximadamente 50% deles permanecerão mudos pelo resto de suas vidas; entretanto, algumas crianças podem aprender a falar pequenas frases e ser capazes de seguir instruções simples. O transtorno apresenta uma incidência de 1% de crianças e adolescentes e ocorre em torno de quatro vezes mais em menino do que em meninas. (Teixeira, p.171, 2014).

Este transtorno segue um contínuo, cujas características essenciais do diagnóstico incluem a presença de um desenvolvimento marcadamente anormal ou afetado em diversas áreas (DSM-V, 2013 cit. in Nascimento, 2014),

Em maio de 2013, foi lançada a última edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o chamado DSM-V, inclui algumas mudanças significativas para os critérios de diagnósticos para o autismo. Uma delas é agrupando vários transtornos anteriormente separados num grande grupo (como um grande “guarda-chuva” que agrupava essas especificações) numa única denominação: Transtorno do Espectro Autista.

Quando um médico psiquiatra ou neurologista e ou equipe multidisciplinar fazem o diagnóstico de alguém com Transtorno do Espectro Autista, comparam o comportamento do indivíduo com os critérios estabelecidos no DSM. Se os critérios se encaixam na descrição listada no DSM, então o indivíduo pode ser diagnosticado com o Transtorno do Espectro do Autismo. Atenção, quem assina o diagnóstico é o médico psiquiatra ou neurologista. No caso de equipe multidisciplinar a presença de um desses profissionais na assinatura do diagnóstico é obrigatória. (Projeto integrar, 2016).

Segundo Negretii (2016), o DSM -5 indicam três níveis de gravidade dentro do espectro autista, dos quais serão avaliados os prejuízos na comunicação social e os padrões de comportamentos restritos e repetitivos, sendo eles; nível 3, exigindo apoio muito substancial; nível 2, exigindo apoio substancial; e nível 1, exigindo apoio. Assim, com a classificação, é possível entender e tratar devidamente cada nível do transtorno (Mattos, 2016).

Principais características de cada um no quadro a seguir:

NÍVEL DE GRAVIDADE		
<p>1 - Exigindo muito apoio substancial</p> <p>COMUNICAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prejuízos intensos na capacidade de comunicação social verbal e não verbal; - Dificuldades severas em dar início as interações sociais; - Pouca resposta quando as pessoas dão abertura para iniciar uma comunicação. <p>COMPORTAMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Inflexibilidade de comportamento; - Dificuldade severa para lidar com mudanças e ações restritas ou repetitivas; 	<p>2 – Exigindo apoio substancial</p> <p>COMUNICAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sérias dificuldades nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; - Prejuízos sociais notáveis mesmo com auxílio; - Limitação ao iniciar interações sociais; - Resposta anormal a aberturas sociais de outras pessoas. <p>COMPORTAMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Inflexibilidade de comportamento; - Relutância em lidar com mudanças e ações restritas e repetitivas frequentes, sendo notadas 	<p>3 – Exigindo apoio</p> <p>COMUNICAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando não tem apoio, apresenta dificuldade na comunicação social, com danos perceptíveis; - Complicações para iniciar interações sociais, além de respostas incomuns ou inexistentes a aberturas das pessoas; - pouco interesse por interações sociais. <p>COMPORTAMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Inflexibilidade de comportamento interferindo no funcionamento de um ou mais contextos; - Dificuldades em trocar de atividade;

<p>- Sofrimento para mudar o foco ou ações.</p>	<p>por observadores e interferindo em outros contextos;</p> <p>- Sofrimento para mudar o foco ou ações.</p>	<p>- Problemas de organização e planejamento, que interferem na conquista da independência.</p>
---	---	---

Fonte: Revista Ler & saber autismo. Ano 2, nº2, 2016.

Seguindo o nível de gravidade de acordo com o DSM-5, a classificação que especifica os níveis de manifestação pode ser usada para descrever, de maneira sucinta, a sintomatologia atual, com o reconhecimento de que a gravidade pode variar de acordo com o contexto e com o tempo. Assim sendo, o acompanhamento profissional e especializado é essencial para identificar o desenvolvimento do quadro.(Negretti, p.23, 2016).

2.1. Síndrome de Asperger

Nome criado em homenagem a Hans Asperger, um pediatra austríaco pioneiro em estudar crianças que apresentavam características do autismo, a síndrome somente foi extensamente discutida na década de 1980. Desde então, era descrita separadamente do Transtorno do Autista. Com a nova versão do DSM(Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – **DSM**) Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais é um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria. A Síndrome de Asperger está inclusa no espectro autista, sendo assim caracterizada como um grau de autismo de alto funcionamento.

Segundo estudos o assunto ainda está envolto em muitas discussões, já que a pessoa com Asperger apresenta uma dependência menor se comparado a níveis graves de autismo. Segundo Amável, neuropsicóloga e pesquisadora em autismo relata que o indivíduo apresenta dificuldade na cognição social, mas não na comunicação verbal. Quando avaliados por um profissional, é observado que eles

manifestam várias outras dificuldades cognitivas que não são tão simples para leigos, pois, eventualmente podem fugir do estereótipo do autista grave. Ainda segundo a pesquisadora uma das características dominantes do portador de Síndrome de Asperger é focar em um determinado assunto, geralmente pouco relevante, como tipos diferentes de samambaias no período paleolítico. Ao não serem compreendidos ou não receberem atenção sobre o assunto, podem ser arrogantes.

Assim, identificamos que a inclusão não está só com acesso de alunos as escolas comum, e preciso criar suporte para recebê-los, respeitando os ritmos de aprendizagem, aceitando as diferenças, entendendo a diversidade. Assunto que será abordado a seguir.

Capítulo 3- Quebrando o preconceito: inclusão escolar

Atualmente a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo coloca em destaque a pauta sobre debates e diálogos sobre Educação Inclusiva, como exemplo, podemos citar o Programa Caravana da Inclusão:

A Caravana da Inclusão, Acessibilidade e Cidadania é uma iniciativa da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo, com diversas parcerias, e serve de fomento para os municípios aprimorarem suas práticas regionais no âmbito de ações e projetos que garantam a igualdade de acesso. A Caravana também reconhece e valoriza a atuação municipalista na elaboração, planejamento, implementação e operacionalização de ações. (SEE, 2016)

Como podemos observar também os direitos legais que fortalecem e dispõem sobre a educação especial nas unidades escolares da rede estadual de ensino do estado de São Paulo conforme:

- o direito do aluno a uma educação de qualidade, igualitária e centrada no respeito à diversidade humana;
 - a necessidade de se garantir atendimento a diferentes características, ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos, público-alvo da Educação Especial;
 - a importância de se assegurar aos alunos, público-alvo da Educação Especial, o Atendimento Pedagógico Especializado - APE,
- Resolve:
Artigo 1º - São considerados, para fins do disposto nesta resolução, como público-alvo da Educação Especial, nas unidades escolares da rede estadual de ensino, os alunos que apresentem:
I - deficiência;
II - transtornos globais do desenvolvimento - TGD;
III - altas habilidades ou superdotação. (RESOLUÇÃO SE 61, de 11-11-2014)

Em relação aos Planos e objetivos a serem alcançados a curto, médio e longo prazo, respeitando o desenvolvimento do aluno, sempre registrando seus avanços e dificuldades para cada um dos componentes curriculares conforme indicação para ser trabalhado com os alunos TEA, dentro das escolas públicas, conforme a seguir:

. Objetivos a serem alcançados
Disciplina de Língua Portuguesa:

- Situações de aprendizagem que envolvam, gradativamente, gêneros textuais que exijam o uso da abstração e imaginação. O professor sempre deve verificar se o aluno está entendendo a proposta, através de sua linguagem corporal (se demonstra estar concentrado ou disperso e abstrato) e questionamentos sobre a atividade.
- Seria interessante utilizar temas de seu interesse para apresentar diferentes gêneros.

Disciplina de Matemática:

- Utilizar problemas, de início de fácil entendimento, sem um nível muito grande de abstração. Conforme A. for evoluindo, aumentar o nível de complexidade dos enunciados.
- Como o aluno demonstra agilidade com cálculos, preparar atividades extras, para que ele não fique ocioso enquanto os colegas terminam as atividades.

Disciplina de Ciências:

- Como é o componente curricular que A. apresenta maior interesse, o professor deve elaborar atividades extras para que o aluno não fique disperso enquanto os colegas terminam a atividade.
- Explorar os temas de interesse e propor atividades que exijam um nível maior de abstração e propor atividades com outros colegas, gradativamente.
- É possível pensar em enriquecimento curricular, ou seja, inserção de conteúdos mais avançados, caso o aluno demonstre maturidade para isso.

Disciplina de História:

- A. apresenta muita dificuldade nesta disciplina, pois não consegue correlacionar os fatos históricos, não compreende que eles estão no passado, além de não conseguir terminar a leitura dos textos propostos.
- O professor pode utilizar imagens para auxiliar na contextualização. Como o aluno adora dinossauros e entende que eles viveram há muito tempo na Terra, é interessante estabelecer um paralelo entre a era dos Dinossauros e o fato histórico estudado, como numa linha do tempo.

Disciplina de Geografia:

- Utilizar o interesse do aluno por fatores climáticos para introduzir novos temas. Partir de textos menores, para textos que exijam maior nível de abstração.
- Fazer uso de material concreto sempre que possível, por exemplo, ao falar do solo, trazer uma caixa com terra, ou levar a turma a uma área verde da escola.

Disciplina de Arte:

- Como A. possui muita dificuldade na expressão criativa, é interessante trabalhar os conteúdos relacionando-os com seu tema de interesse. Será necessário adaptar atividades, pois o aluno ainda não consegue abstrair ou realizar atividades de corpo e movimento, como dança e teatro.
- Sempre dar comandos simples e detalhados a respeito do que se espera dele.

Disciplina de Educação Física:

- Adaptar atividades em grupo. De início para que o aluno as realize individualmente ou com o auxílio do professor. Quando perceber que A. está aceitando bem a interação, substituir o docente por um colega de turma.
- Caso o aluno demonstre tranquilidade na interação com o colega, introduzi-los em atividades de grupo, inicialmente as que não necessitam de contato físico.

Atendimento na sala de Recursos TGD:

- Estimular a comunicação;
- Promover situações de interação social, dirigidas pelo professor;
- Estimular a abstração;
- Reforçar atividades de vida diária e atividades instrumentais de vida diária;
- Estimular a ingestão de novos alimentos na hora do intervalo;
- Desenvolver a orientação temporal

(SEESP/EFAP, 2016)

Mas podemos identificar também, algumas afirmações segundo Mascarenhas(2013), que é membro fundador do Instituto Viva a Infância, afirma que apesar de se falar em inclusão, são raras as experiências escolares porque muito educadores não estão preparados e a sociedade tão pouco.

Para a autora, infelizmente a escola brasileira de modo geral não esta preparada para realmente incluir a criança e o jovem com autismo. A ideia de um acompanhante individual para o aluno com autismo, ajuda certamente, mas na prática, efetivamente isso tem servido muito mais para isolar a criança, para a escola e a professora não terem “trabalho” com ela. Assunto pertinente que merece outras pesquisas.

Nesse sentido, Almeida (2010), que defende um trabalho escolar multidisciplinar que caracterize o aluno com autismo como um ser bio sócio-psico-histórico-cultural, destaca a importância da elaboração de planos individuais, aplicabilidade do currículo, e formas de avaliação por portfólios e análise qualitativa do desenvolvimento desses alunos, como subsídios para professores. Complementa também, que estas estratégias devem fazer parte do plano político pedagógico de cada escola, não devendo ser uma ação isolada de cada professor para que possa de fato ser uma proposta inclusiva que atenda a diversidade.

Ainda em Almeida, é necessário realizar uma reflexão que possa estabelecer indicações de referencia para que educadores das diversas áreas possam construir adaptar um modelo de intervenção pedagógica de acordo com as características de cada aluno com autismo. No destacar também a importância da formação dos mesmos em relação a esta síndrome para que se possa alcançar melhor compreensão educacional relacionada às implicações contidas no quadro diagnostico de cada aluno (Certeza, 2010).

Ações que potencializam uma melhor qualidade de vida junto ao desenvolvimento de cada aluno no reconhecimento da importância da inserção de um trabalho escolar integrado aos diferentes atendimentos terapêuticos e até mesmo em parceria com as famílias.

Segundo Oliveira (2016) o autismo é uma perturbação do neurodesenvolvimento cuja aprendizagem é facilitada por um sistema de ensino estruturado, devendo ter por base uma matriz visual. Devem ser estes os princípios aplicados em todas as

disciplinas lecionadas dentro das escolas. A disciplina de Educação Física Escolar, tal como as outras com base nestes princípios, e sendo os seus conteúdos adaptados ao nível funcional da criança e aos seus interesses específicos têm resultados positivos no neurodesenvolvimento e na autonomia.

Ainda em Oliveira (2016) que é Pediatra do Neurodesenvolvimento e Professora de Pediatria do Hospital Pediátrico - Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e Vice-presidente da Sociedade de Pediatria do Neurodesenvolvimento em Portugal corrobora com um relato sobre uma experiência que é desenvolvida nas escolas de Portugal em parcerias com equipe multidisciplinar:

Em Portugal dispomos de legislação educativa que regula as unidades de ensino estruturado para alunos com perturbação de espectro do autismo, desde a idade pré-escolar até ao secundário (rede pública de ensino) e que estão apetrechadas de equipa educativa multidisciplinar. Por sua vez todas elas têm um canal de comunicação facilitada com a equipa de saúde (também multidisciplinar) do hospital.

Sendo assim, precisamos aqui no Brasil, unir forças fazer cumprir a implementação das políticas públicas em vigor para alcançar uma educação de qualidade e de direitos no possibilitar um ensino significativo para alunos com TEA.

Enquanto professores, agentes sociais que somos, precisamos conhecer e querer entender mais e melhor as peculiaridades desta síndrome para que a mesma possa sair da zona de preconceito e ser mais bem compreendida e inclusa principalmente dentro das escolas. Uma escola que possa ter profissionais capacitados para orienta-los e que possam dialogar na integração com outros profissionais de diversas áreas para o seu desenvolvimento.

Para a criança com autismo, todo o trabalho escolar deve ser estruturado para otimizar uma situação de aprendizagem. É importante seguir alguns procedimentos;

- Realizar um planejamento individual de ensino;
- Observar a criança em situações livres e dirigida;
- Escolher objetivos baseando-se no desenvolvimento, dificuldades e facilidades da criança;

- Partir da idade cronológica da criança e não infantilizar. (Ciranda da Inclusão, p.07, maio de 2011).

É destacada também, a importância de prepara-se o ambiente com material pedagógico previamente separado, a disposição das carteiras, espaços diferenciados dentro da sala de aula, etc. As carteiras podem ser organizadas em duplas, ou grupos de quatro, para auxiliar a interação.

As atividades esportivas e de psicomotricidade também merecem destaque nas intervenções com crianças e adolescentes com autismo e outros transtornos, pois auxiliam muito no desenvolvimento de habilidades motoras e de consciência corporal, melhoram autoestima, estimulam a socialização e aumentam a inclusão dessas crianças em eventos escolares e sociais. (Teixeira, p.181, 2014).

Sendo assim, percebemos a importância das Políticas Públicas voltadas à inclusão, pois, assim como todas as crianças e jovens, os(as) com autismo têm direito a uma educação de qualidade, com apoio pedagógico especializado quando necessário, não podendo ser excluídos ou segregados do processo de ensino e aprendizagem. (SEESP/EFAP, 2016).

A seguir iremos apresentar a metodologia que aborda relatos de participação, inclusão e os aspectos referentes às histórias de vida de dois alunos com TEA nas aulas de educação física de uma escola pública regular.

Capítulo 4 – Método e resultados: contribuições da educação física escolar

Entendemos que as características de estudo de um determinado objeto devem estar condicionadas as escolhas pelos instrumentos de pesquisa e pelas técnicas de apreensão que serão utilizadas, e o entendimento por pesquisa, analisada como atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade.

Segundo Gil (2009), a utilização da pesquisa de estudo de caso com a técnica de historia de vida é um procedimento de grande potencial para obtenção de informações relevantes.

“Para se realizar uma pesquisa, é preciso promover o confronto entre os dados , as evidencias, as informações coletadas sobre determinado assunto e conhecimento teórico acumulado a respeito dele”. (Lüdke; Andre, 1986,p.1).

A coleta dos dados e os registros foram realizados com auxilio de câmeras, celulares por meio de fotos, vídeos e nos registros de depoimentos das mães dos alunos. Os registros foram realizados durante o período das aulas regulares de educação física dos entrevistados e nos encontros marcados com as mães dos alunos com o pesquisador. Não foi especificado datas, mas a investigação foi realizada entre os meses de agosto de 2015 e maio de 2016, respeitando as participações, interesse e presenças dos alunos.

Ao identificarmos o desenvolvimento e a integração de alunos com TEA nas aulas de educação física regular na prática cotidiana escolar, por meio do estudo de caso, levantamos informações e dados relevantes sobre sua rotina, buscamos conhecer o perfil, os aspectos significativos de sua participação nas atividades propostas curriculares e na integração e socialização com os demais alunos. Incluindo a esta proposta somamos os relatos de historia de vida dos mesmos, que foram gentilmente elaboradas por suas mães, pessoas que possuem a alma cheia de ternura e dedicação.

4.1 – Relatos e fatos, a cultura do lado de dentro, história de vida.

A história de vida talvez seja, dentre as varias técnicas de pesquisa, a que melhor permite captar os aspectos referentes ao cruzamento entre o individual e o social (Gil, p.82, 2009). Ela possibilita aprender a cultura “do lado de dentro”, pois

se coloca entre o que é exterior e interior ao indivíduo. Possibilita trazer para o cotidiano lembranças retidas na memória das pessoas, que respondem e ajudam dar sentido a sua realidade.(Gil, 2009, p.82, apud Camargo, 1984).

Os sujeitos da pesquisa são dois alunos matriculados em uma escola pública, um cursa o 7º ano, e o outro o 8º ano do Ensino fundamental II. Ambos com laudos médicos, como já foram mencionado na pesquisa anteriormente. Em constantes conversas com as mães destes alunos foi possível propor a colaboração das mesmas, para a realização dos depoimentos, que foram realizados de forma informal, sem um rigor técnico de muitas exigências, mas com objetivos de dar voz e sentido à realidade das experiências dessas mães que convivem com filhos autistas, para que fortaleça a troca de experiência entre profissional e a família para uma melhor compreensão desta síndrome.

Foram preservados, por princípio de sigilo, os nomes reais das colaboradoras e dos alunos. Os nomes fictícios foram escolhidos pela própria pesquisadora e autorizados pelas colaboradoras. Cabe salientar que as entrevistas com as mães, a apresentação dos laudos e as fotos dos alunos foram devidamente autorizadas. Quando apresentados no trabalho, são identificados como aluno E – Esperança (7º ano) e o aluno T – Tolerância (8º ano).

4.1.1 – Relato da Mãe do aluno E - Esperança

O aluno E – Esperança nasceu no dia 07/11/2004, atualmente com 12 anos de idade, é aluno matriculado no 7º ano regular da Escola Vereador Narciso Yague Guimarães, seu diagnóstico médico apresenta “relatório com quadro de alterações do desenvolvimento, com espectro autista, síndrome de asperger”.

Segundo o relato de sua mãe ela tinha 17 anos de idade quando engravidou, relata ainda que foi uma gravidez planejada, gestação tranquila, onde fez todo o acompanhamento de pré-natal. Com 04 meses de gravidez foi realizado o segundo ultrassom, foi quando descobriram o sexo do bebê, um menino, a mesma afirma que foi uma alegria para toda a família. Por que sempre quisera o primeiro filho menino, e acrescenta que Deus a presenteou com um lindo bebê que hoje está um adolescente, e é uma benção.

O parto da Mãe do aluno E - Esperança, foi por meio de uma cesariana, disse que não houve contração: - *“Estava dormindo, quando acordei pela manhã, eu estava sangrando, minha mãe me acompanhou até o hospital, quando passei em consulta o médico foi avaliar a minha dilatação. Disse que minha bolsa havia estourado, eu não senti dor nenhuma. O bebê já estava encaixado, e pronto para nascer, nasceu de uma cesariana”*. O aluno E – Esperança nasceu com 3.235 kg e 49 cm, uma criança saudável. Com 04 meses foi a sua primeira papinha, mamou no peito até 06 meses, engatinhou com aproximadamente 07 meses, percebi que apresentou um pouco de dificuldade para andar por causa de uma hérnia e fimose que adquiriu nesse período. Foi operado com 02 anos de idade. Até 02 anos não notei nada de diferente, afirma a mãe de E – Esperança. Continua relatando que foi aos 03 anos de vida que observou comportamentos estranhos, quando ouvia barulho alto, ou se comia alguma coisa diferente, ou ficava próximo de muitas pessoas, começava a passar mal. Com 04 anos de idade quando foi para a escola apresentou outros comportamentos, não interagia com as outras crianças, não conseguia ficar sentado dentro da sala de aula. Não obedecia a professora e nem os funcionários. Em casa o comportamento também mudou, meu filho começou a ficar agitado, precisei colocar cadeado no portão, se não ele saía correndo para a rua, começou também a ficar muito agressivo na escola e em casa. Para mim enquanto mãe achei que era normal devido a idade, mas depois que o comportamento dele começou a agravar a ponto de vomitar no prato e depois levar o que vomitou novamente a boca. Foi quando a Diretora da escola de educação infantil, me chamou para conversarmos, e explicou que aquele comportamento do meu filho não era normal, que precisava passar no médico especialista. Foi então que comecei a buscar auxílio consultas e tratamentos, pois o diagnóstico do médico foi autismo. Eu aceitei até então, e não sabia o que era um autista, no começo para eu adaptar foi difícil, mas, depois fui buscando informações e conhecimentos mais sobre o assunto e fui descobrindo como fazer para ajudar meu filho em casa, na rua e na escola.

A mãe relata que atualmente o aluno E – Esperança frequenta a sala de recursos no contra turno da escola regular, mas a mesma continua sendo chamada às vezes para buscar o filho, que por algum motivo briga ou fica agitado, não conseguindo acompanhar o desenvolvimento de algumas disciplinas da sala regular.

Em relação ao desempenho do aluno nas aulas de educação física, é participativo realiza todas as atividades propostas, consegue interagir-se e socializar-se de forma efetiva, adora praticar atividades na quadra. Porém, quando a aula é teórica na sala de aula com abordagem da apostila do aluno é necessário o professor solicitar ajuda de outros colegas para realizar os exercícios ou é realizado um atendimento individualizado.

4.1.2 - Aspectos do comportamento identificados no desenvolvimento das aulas de educação física:

- Comunicação e fluência em diálogos são legíveis;
- Tem controle dos cuidados pessoais;
- É sociável, se relaciona com muitas pessoas, com as que acolhem ou ele prefere é amoroso, simpático;
- Sabe se defender sozinho, tem noção de perigo;
- Tem criatividade para desenhos;
- É disciplinado;
- É atento, emotivo e sensível às críticas;
- Mantém bom relacionamento com o professor que o acolhe e oferece rotinas;
- Tenta realizar as atividades de escrita propostas com limitações
- Tem opiniões próprias;
- Tem facilidade para raciocínio lógico;
- Compreende comandos e executa-os;
- Adora jogar futebol e voleibol e jogos pedagógicos de mesa;
- Pula corda e gosta de correr e saltar.
- Adora atividades reacionadas as tecnologias.
- É aluno que apresenta uma frequência irregular.

4.1.3 - Desempenho escolar geral:

- Escreve, lê com dificuldades, é alfabetizado;
- Relembra desde ordens mais simples a conceitos mais elaborados;
- Concentra-se o tempo suficiente para realizar as atividades;
- Necessita da supervisão e orientação do professor;

- Não tem dificuldade motora para desenhar, tracejar, colorir;
- Com os colegas se agita quando fica na ociosidade dentro da sala de aula, provocando - os ou sendo provocado, (motivo pela qual fica agitado).

4.2 – Relato da Mãe do aluno T – Tolerância.

O aluno T – Tolerância nasceu no dia 25/08/2003, hoje com 12 anos de idade, matriculado no 8º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Vereador Narciso Yague Guimarães, cidade de Mogi das Cruzes, bairro da Vila Natal, estado de São Paulo. É um jovem diagnosticado com Espectro do Autismo, com distúrbio comportamental moderado, nasceu de um parto natural forçado, passando do período de nove meses de gravidez. Sofreu ao nascer um traumatismo de clavícula e ausência de oxigênio.

Depois do nascimento ficou 13 dias internado na UTI, após este período foi para casa, muito frágil, aos 03 meses teve pneumonia, mas fez tratamento em casa, para evitar uma infecção hospitalar.

Com o passar dos meses do nascimento, sua mãe não havia percebido nada de diferente com o seu filho, sempre o vendo como uma criança normal. Teve uma infância sofrida com muita violência familiar, seu pai e avô apresentam histórico de esquizofrenia.

Com 06 meses, falou papai, depois desse tempo parou de falar e só balbuciava, apontava as coisas que ele queria, sem nenhuma fala. Com 01 ano, sentou-se, com 01 e 03 meses andou, e com 02 anos deixou as fraldas.

Cresceu sendo uma criança muito calma, sem estereotípias, porem não gostava de barulhos. Iniciou seus estudos com 04 anos na educação infantil, onde os professores perceberam a dificuldade de interação com o grupo e dificuldade de aprendizagem e comprometimento com a fala. Foi encaminhado para uma escola especializada de Educação Especial (EMESP). Teve tratamento com psicóloga e fonoaudióloga, as quais recomendaram que o levasse para um neuropediatra. Realizou a indicação onde o médico não prescreveu remédios para seu tratamento, não identificando a necessidade, por ser uma criança calma. Depois do laudo,

constatando autismo infantil, a mãe levou-o para fazer o acompanhamento com a equipe da EMESP, onde frequentou a escola dos 06 aos 11 anos.

Concomitante frequentava a escola regular, a primeira escola, a mãe conta que o aluno T – Tolerância sofria muito bullying, não gostava de frequentar a mesma.

Então a mãe relata que resolveu trocar de escola, matriculando na Escola Estadual Ver. Narciso Yague, onde o acolhimento e a recepção foram melhores, passando a receber também atendimento especializado no contra turno de seu período de aula, mas infelizmente a professora especialista precisou deixar a sala de recurso, pois não se adaptou a rotina da mesma. E com o passar do tempo à escola tentou se adaptar as condições de comportamento e comprometimento do aluno. Mas, infelizmente a mãe relata que ainda é muito pouco o que a escola oferece para seu filho, pois nem todos os professores sabem ou tentam se adaptar as necessidades do aluno T – Tolerância.

A mãe relata que o aluno T – Tolerância fala muito pouco e não consegue distinguir os dias da semana, o que mais tem significado para o mesmo na escola é participar das aulas de educação física e quando fala sobre a escola é sobre as aulas de educação física, pois quer saber quando elas acontecem, e pronuncia o único nome do professor, que é o desta disciplina.

A seguir apresentaremos alguns dos resultados em forma de relatos no desenvolvimento de situações de aprendizagens dos eixos temáticos dos conteúdos propostos para as aulas de educação física do Ensino fundamental – Anos finais, baseadas nos cadernos curriculares dos alunos e do professor com a participação efetiva dos alunos com TEA, no contexto escolar.

O desenvolvimento do aluno T - Tolerância na disciplina de educação física durante os últimos 02 anos obteve muito progresso no desenvolvimento da aprendizagem e integração com o grupo. É identificado que quando o aluno iniciou seus estudos na escola Narciso Yague, foi recebido com muito carinho, sendo que o mesmo a princípio rejeitava o contato pessoal, não brincava e nem participava das atividades esportivas com os demais alunos, era uma criança agitada, queria ficar

andando e subindo nas grades e arvores do espaço próximo da quadra, e na sala às vezes era arredo, jogava mochila, garrafinha de água.

Muitas vezes, a mãe era chamada para levá-lo embora. Mediante essa situação a professora de educação física, em suas aulas conversou com os demais alunos da sala, relatando as limitações do aluno T, e solicitou acolhimento e paciência para a turma da sala. No desenvolvimento das aulas de educação física procurou aproximar mais do aluno, oferecendo vários tipos de atividades, fazendo-o reconhecer as diversas atividades esportivas de forma lúdica, de início de forma individual, elogiando e incentivando sua participação.

Com o passar do tempo à professora foi capacitando-se sobre a educação inclusiva especialmente sobre o espectro do autismo. Ampliando o conhecimento pedagógico e metodológico para atuar com o aluno T.

Os resultados foram aparecendo, o aluno já demonstrava interesse em participar das aulas, sempre com acompanhamento de outros alunos. Os demais alunos também estavam muito recíprocos com a sua participação e sabendo respeitar as limitações do mesmo, que se sentiu muito acolhido ao grupo. Com o passar do tempo, o aluno T começou a participar de todas as atividades propostas em aula, desde um jogo de queimada, arremessos de basquetebol, jogo de voleibol, pré-jogo de handebol, futebol e jogos de mesa: dama, memória, dominó, lince e outras atividades que envolvem a proposta de educação física escolar. Hoje é uma criança mais calma, interage com os demais alunos, e a turma cuida e respeita muito o mesmo.

4.2.1 - Aspectos do comportamento identificados no desenvolvimento das aulas de educação física:

- Comunicação e fluência em diálogos são limitados;
- Tem controle dos cuidados pessoais;
- É reservado, se relaciona apenas com as pessoas que estão bem próximas e o acolhe;
- Sabe se defender sozinho, porem não tem noção de perigo;
- Não tem problemas de saúde;
- Compreende ordens dadas, com dificuldades;

- Tem criatividade para desenhos;
- É disciplinado;
- Não é emotivo, não é sensível as críticas;
- Mantém bom relacionamento com alguns professores e colegas, mas fica isolado dentro da sala de aula;
- Tenta realizar as atividades propostas com muitas limitações;
- Não gosta de comer chocolates;
- Tem opiniões próprias, expressa por gestos e pequenas palavras;
- É aluno frequente;
- Gosta de jogar basquetebol, voleibol e queimada e jogos pedagógicos de mesa;
- Gosta de atividades relacionadas às tecnologias, jogos de palavras, de carrinho etc.

4.2.2 - Desempenho escolar geral:

- É copista, mas decorou e escreve seu primeiro nome sozinho;
- Não relembra desde ordens mais simples a conceitos mais elaborados;
- Concentra-se o tempo suficiente para realizar as atividades;
- Necessita da supervisão e orientação do professor;
- Não tem dificuldade motora para desenhar, tracejar, colorir;
- Dificuldades para raciocínio lógico;

4.3 - Situação de aprendizagem 1 – EIXO ESPORTES (Atletismo)

A recomendação de aprendizagem para os 7º e 8º anos para esse eixo temático propõe trabalhar-se com a modalidade atletismo (corridas, arremessos e lançamentos) e (corridas e saltos). As aulas de educação física desenvolvidas com a participação dos alunos TEA, foram realizadas de forma individual e em grupos, por meio de atividades de estafetas com corridas de velocidade e resistência, saltos e atividades com auxílio de cordas e bastões, arremesso de vários tipos de bolas, onde também foram incorporados jogos recreativos como o jogo de queimada com variações: em equipe e individual. Foi necessário intervir explicando individualmente para o aluno T – Tolerância, que entendeu de forma significativa e participou das atividades sem restrições e de forma integrada com o grupo, com o aluno E –

Esperança, não foi necessário maiores explicações, seguiu a explicação geral de aula com a turma. Podemos destacar algumas competências e habilidades que foram identificadas pelos alunos TEA sugeridas para este eixo: Identificar diferentes possibilidades de saltar obstáculos, identificar ajustes na corrida e no posicionamento do corpo parado em velocidade, arremessar diferentes tipos de bolas, integrar ações individuais e coletivas e seguir regras propostas, registro escrito para identificar letras e palavras e colorir desenhos em forma de atividade avaliadora. A seguir algumas fotos das participações dos alunos TEA nas aulas de educação Física.

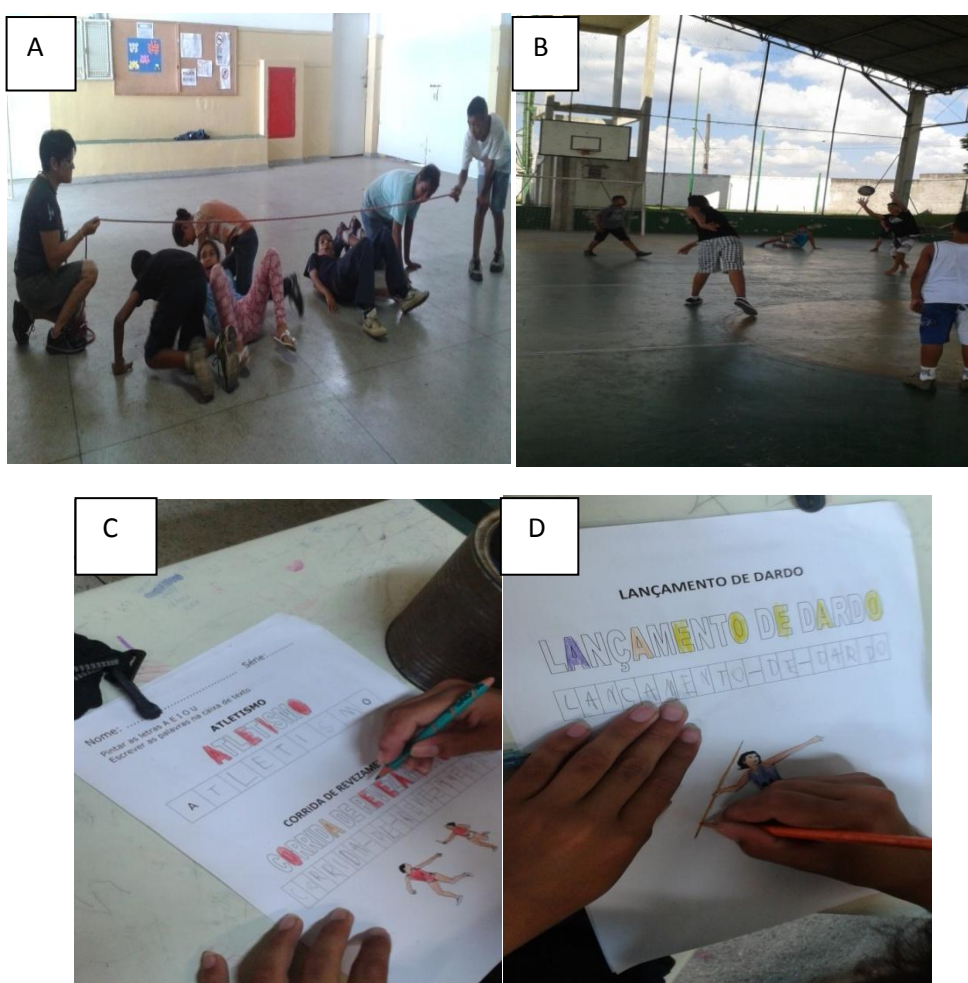


Figura 1-Atividade de intervenção sobre o tema: Esporte/Atletismo - Atividade com cordas: **A)** O aluno E- Esperança, esta saltando e passando por debaixo da corda, da direita para a esquerda é o terceiro aluno deitado no chão. **B)** Atividade de arremessos: Queimada individual, o aluno T – Tolerância, esta arremessando uma bola para queimar outro aluno, é o aluno que está no centro da foto realizando movimento com o corpo. **C) e D)** Alunos E e T, realizando atividade avaliadora

sobre o tema Atletismo, em forma de registro escrito e figuras onde os alunos transcrevem letras e palavras colorindo os desenhos relacionados ao tema proposto.

4.3.1 - Situação de aprendizagem 2 – Eixo Esportes Coletivos

Modalidades esportivas a escolher, nesta temática foram trabalhadas as modalidades de basquetebol, Handebol, voleibol e futebol. Foi identificado que os alunos com TEA apresentam preferências e interesses diferentes nas participações dos esportes coletivos. Observamos que o aluno E – Esperança apresentou mais afinidade e gosto pela modalidade de futebol e basquetebol, já o aluno T- Tolerância teve afinidade com o basquetebol e voleibol, mas não deixou de realizar as atividades propostas para o aprendizado do esporte handebol. Mesmo este eixo propondo o desenvolvimento do ponto de vista técnico tático para estas séries, identificamos que o aprendizado dos alunos com TEA não foi prejudicado, pois os mesmos participaram efetivamente dos exercícios de fundamentos individuais e nos jogos adaptados de forma coletiva como no vôlei cambio, o jogo de arremesso e de ataque e defesa do basquetebol, handebol e futebol, incluindo também a modalidade do tênis de quadra. Variando com jogadas simples de chutes, arremessos e passes. Podemos destacar algumas competências e habilidades que foram identificadas pelos alunos TEA sugeridas para este eixo: identificar a dinâmica básica dos esportes coletivos, perceber ações de ataque e defesa em cada modalidade, respeitar a arbitragem e o adversário, ampliar o conhecimento e a percepção dos vários tipos de bolas que são utilizadas para o desenvolvimento do jogo de cada modalidade.



Figura 2 - Atividade de intervenção sobre o tema: Esportes coletivos **A)** O aluno T – Tolerância , realizando fundamento de drible, ações que podem ser inseridas para a modalidades de handebol e basquetebol. **B)** Atividade extraclasses campeonato de futebol com participação do aluno A - Felicidade comemorando com os amigos do time. **C)** Aluno B realizando arremesso de basquetebol e **D)** Aluno E – Esperança, realizando um saque no jogo proposto de vôlei cambio.

Analizamos que ao identificar a situação do desenvolvimento pedagógico adaptado da proposta curricular de dois alunos com TEA nas aulas de educação física de uma escola pública regular, levantamos informações sobre uma problemática que está relacionada ao desenvolvimento pedagógico de cada escola regular. Pois, não podemos falar de um processo de inclusão se enquanto

professores ou escola como um todo não aceitarmos as diferenças, entendendo a diversidade, pois somos diferentes, mas o que nos identifica é que somos humanos.

Segundo Baptista (2007), que aborda esta questão relata que desde a década de 1940, quando ocorreram as primeiras publicações sobre o autismo por Leo Kanner, o qual defendeu na época a necessidade de humildade e cautela diante do tema na compreensão sobre o autismo no qual exige uma constante aprendizagem, uma revisão contínua sobre nossas convicções, valores e conhecimentos sobre o mundo e, sobretudo, sobre nós mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto podemos identificar que o planejamento de aulas de educação física adaptadas ao currículo e ao perfil do TEA dentro de escolas públicas regulares repetindo os diferentes graus e intensidades de comprometimento e comportamento dos alunos, podem promover a integração a socialização, seja por meio da prática de esportes ou nas simples brincadeiras.

Ações que potencializam uma melhor qualidade de vida junto ao desenvolvimento de cada aluno no reconhecimento da existência de um trabalho escolar integrado que busque um novo olhar sobre o TEA.

Nesse sentido, a inclusão de alunos com necessidades especiais dentro das escolas públicas, principalmente para o TEA, já apresentam um número significativo, alguns com laudos médicos e outros não, exigindo um repensar da escola em suas atribuições e planejamentos respaldando-se e fazendo valer as legislações vigentes para receber esses alunos e buscar alternativas em orientações, parcerias e formações para promover o atendimento pedagógico sobre este distúrbio, que não deve ser ignorado e sim destacado para poder auxiliar uma melhor qualidade de vida para o aluno e seus familiares.

Assim, encerramos essa pesquisa propondo e sugerindo ações, por meio das observações e dos relatos da participação dos alunos autistas ao conteúdo adaptado da Proposta Curricular de Educação Física nas aulas regulares, podemos identificar que a inclusão não está só no acesso destes alunos a escola comum, mas está relacionada em como o professor pode criar possibilidades e suporte pedagógico para recebê-los: 1) Respeitar os ritmos de aprendizagem, adaptando os conteúdos da proposta curricular; 2) criar dentro da escola um grupo de estudo transdisciplinar para elaborar, estudar e debater relatórios pedagógicos dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, no interpretar seus laudos ou propor encaminhamento para os alunos que não tem, e precisam de uma avaliação médica; 3) formação e capacitação continuada sobre educação especial para todos os cargos que atuam dentro das escolas, principalmente para os professores, coordenadores e gestores, até mesmo como pré requisito de competências e

habilidades para ingresso; 4) propor e efetivar um trabalho integrado com a família desses alunos dentro da escola.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

APAE. **Curso de formação em Deficiência Intelectual**. Mogi das Cruzes, São Paulo, fev. de 2015.

ARROYO, Miguel G. **Imagens e auto-imagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2000

BAPTISTA, Claudio Roberto. **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Artmed, Porto Alegre, 2007.

CERTEZA, Leandra Migotto. **Autismo um arco Iris de possibilidades**. Revista Ciranda da Inclusão. Ano 1 – nº 06, Maio de 2010.

CUNHA, Eugenio. **Autismo: Ideias e práticas Inclusivas – É preciso amor pra poder pulsar**. Disponível em: <http://www.eugeniocunha.com.br/sistema/arquivos/palestras/1f915_autismo%20%20site.pdf> Acesso em 08 de maio de 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

LÜDKE, Menga e Andre, Marli Elisa D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MASCARENHAS, Claudia. **As escolas brasileiras regulares não estão preparadas para receber crianças com autismo afirma especialista**. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/as-escolas-brasileiras-regulares-nao-estao-preparadas-para-receber-criancas-com-autismo-afirma-especialista/> Acesso em: 20 de julho de 2016.

MELLO, Ana Maria S, Ros de. **Autismo: guia prático**. 4 ed. São Paulo. AMA, Brasília, CORDE, 2004.

OLIVEIRA, G. **Neurodesenvolvimento de crianças com espectro do autismo**. Fórum – SPND – Sociedade de Pediatria do Neurodesenvolvimento, Lisboa, Portugal. Disponível em: <<http://www.spnd-spp.com/sitegest.asp?languageID=1&serviceID=31>> Acesso em 08 de jun.2016.

PROJETO INTEGRAR. <https://autismoprojetointegrar.wordpress.com/inicio/dsm-v-informando-o-que-e-o-autismo/>

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Educação Física**, Coord.Maria Ines Fini. São Paulo: SEE, 2009.

ROCHA, G. Autismo: **O bê-á-bá do TEA**. Revista Ler & Saber Autismo, ano 2, nº 2, 2016.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Caravana da Inclusão**. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/nalini-discute-educacao-inclusiva-em-rio-claro>> Acesso em 10 de jun. 2016.

_____. **RESOLUÇÃO SE 61, de 11-11-2014.**

Dispõe sobre a Educação Especial nas unidades escolares da rede estadual de ensino. Disponível

em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/61_14.HTM?Time=20/06/2016%2012:55:28> Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. **Curso de formação em TGD**. Escola de Formação de Professores, EFAP, 2016.

SILVA, Tiago Aquino da Costa e. **Jogos e brincadeiras com bolas. (Paçoca)**. São Paulo: Kids Move Fitness Programs, 2015.